

O DESPERTAR DA ESFINGE : O SENTIMENTO TRÁGICO DE ANTERO DE QUINTAL E DE MIGUEL DE UNAMUNO¹

José Belluci Caporalini*

"Antero poeta, o Antero dos Sonetos imortais será todo o Antero? Não. É apenas a zona mais alta daquela dor feita homem." (Fidelino de Figueiredo)

"Unamuno, educado no positivismo e rompendo com ele para destruir a razão positivista por meio da intuição irracionalista sem que isso seja óbice para voltar a duvidar da dúvida, já que toda a obra unamuniana é o resultado de uma aporia: o conflito entre o coração e a razão." (Segundo Serrano Poncela)

Ao escrevermos sobre o sentimento trágico de Antero de Quental e de Miguel de Unamuno tínhamos um propósito: mediatamente conhecermos mais profundamente ambos autores ibéricos; imediatamente contemplarmos a alma ibérica, e muito em particular a lusa, através da influência de Antero sobre Unamuno, ou seja, o sentimento trágico da vida daquele sobre este.

Antero e Unamuno seguiram caminhos semelhantes, tiveram idéias paralelas, típicas de suas respectivas gerações e usaram o método dialético. Ambos eram homens de crise vivendo numa época de crise. Apesar de tanto parentesco ideológico-existencial, pouco ou quase nada se falou da influência de Antero sobre Unamuno e do paralelismo de seus escritos. Ambos, também, perderam a fé, quando estudantes universitários, mas jamais conseguiram se livrar da idéia de Deus recebida na infância. Daí que a sua obra literária será de cunho transcendente, religioso e aí é onde reside a origem do sentimento trágico na vida de ambos vates. Antero não abandona a idéia de santidade e Unamuno insiste constantemente na imortalidade do homem de carne e osso.

As leituras que tiveram foram algo semelhantes: são leituras caóticas as mais diversas possíveis. Mas houve, aqui, uma diferença entre ambos poetas-filósofos: ao passo que Unamuno encontrou uma trajetória ideológica e a ela se ateve, o mesmo

* Doutorando em Filosofia luso-brasileira na Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro.

1. Conclusão de um artigo nosso apresentado ao Curso de Doutorado da UGF., 1º semestre acadêmico de 1986 e de uma Palestra que pronunciamos no NEPES, UERJ., no dia 08/04/87.

não se deu com o poeta luso que, apesar de seus esforços sobre-humanos, tropeçava e renunciava para logo recomeçar. Isso é fundamental, pois enquanto Unamuno ganhava forças com sua postura de querer crer, Antero, em última análise ia se desgastando, se aniquilando, até morrer a morte que o já havia matado pelo menos duas vezes anteriormente, como testemunhou Oliveira Martins.

O poeta espanhol tinha afinidades ideológicas com o vate luso a quem muito admirava. Ele o cita muitas vezes em seus escritos e sempre com aprovação e admiração. Eram sedentos do Absoluto, do Deus pessoal, a diferença sendo que Antero – a partir de um certo ponto em sua vida – perde a esperança e o basco não. Este continua a sua busca com razão, sem razão ou contra ela. Cessando, já não seria agonia.

A problemática transcendental anterior é assimilada pelo espanhol: Deus existe? Vale a pena ter nascido? Não, dirá o açoriano; sim dirá o vascongado. As antinomias representadas pelo sentimento e o intelecto, a razão e a fé, o coração e a cabeça tornam-se aporias insuperáveis e, claro, não poderiam deixar de sê-lo.

Antero não consegue relacionar-se com um Deus pessoal (torna-se-lhe Idéia; influência da dialética hegeliana) e Unamuno diz que ninguém lhe convenceu racionalmente, da existência ou não de Deus. A agonia verdadeira – em ambos escritores – deu-se a partir do momento em que viram que não é possível que uma negação seja o último verso do poema da vida do homem, por um lado, e por outro, quando sentiram a distância de Deus e o conseqüente vazio existencial. À linha reta (a lógica) preferiram o sonho tortuoso (o sentimento): a primeira seria para uma atitude a la Aristóteles ou a la Kant e o segundo seriam as almas poético-filosófico-agônicas como eles, Agostinho, Pascal, Leopardi e outros.

Ao seguirem esse método mostraram-nos que a verdade íntima, profunda, a verdade do homem concreto é a cardíaca e não a lógica. Fundando o seu pensamento no sentimento, e não na fria razão, tomaram-no irracional, mas é um irracionalismo de duas almas ibéricas que queriam ante tudo a verdade na sinceridade. Eram almas poéticas, deveras.

Para ambos, Religião e Ciência não eram conciliáveis e vida em paz, paz autêntica, era um mito aparente e superficial. A vida em paz era sinônimo de morte.

Como Unamuno conhecia muito bem as obras do poeta português podemos dizer com certeza que algo do pensamento anterior influenciou a sua prosa e a sua poética. Algo dizemos com segurança; muito, com probabilidade. A cautela é devida ao modo que Unamuno teve ao ler, absorver e re-criar as suas leituras, por um lado e por

outro, como Julián Marias observou, os livros são, em Unamuno, fontes de personalidade e não de autoridade.

O Rosário de sonetos líricos, não obstante, foi elaborado sob a influência de Antero e prova disso são os seguintes sonetos: “La oración del ateo”, “Mi Dios hereje”, “Razón y fe”, “Ateísmo”, “El mal de pensar”, “En la mano de Dios”, “Por que me has abandonado?” e “La unión con Dios”. Eles, segundo o Prof. Dr. J. G. Morejón mostram a filiação anterior de Unamuno e possibilitam estabelecer melhor o parentesco ideológico entre ambos autores. As soluções que dão são de caráter negativo. É evidente que se podem detectar aspectos que emanam do fundo tragicista espanhol na obra de Unamuno. Mas a influência do autor luso é inquestionável na obra do poeta-filósofo salmantino. E essa filiação anterior pode ser vista nos versos que o poeta espanhol escreveu no desterro e que aparecem hoje no seu Cancionero, editado postumamente.

*“Antero, Antero, isloteño,
nido de brumas, Azores,
donde las algas son flores
y la mar engendra en sueño,
profeta tú congojoso
de la Atlántida perdida,
viejo mundo, nueva vida
de inacabable reposo
de Dios en la mano diestra
- la aboriginalidad —;
tú que viste la verdad,
la sola real, la nuestra,
la verdad que hace a la suerte;
Antero, tu alma está triste
desde el umbral de la muerte”.*

Concluamos parodiando Fidelino de Figueiredo: há muitos pontos de contato entre o poeta luso e o espanhol. Sentem a mesma dor do abandono por um Deus inatingível, a mesma nostalgia doutra vida, a sede tormentosa da perfeição ideal e da imortalidade, a sensação do isolamento entre turbas, a presentir Deus sem achá-lo; esses dois sentidores ibéricos aproximam-se, irmanam-se pelo sentimento trágico que vivem e que poeticamente expressam em agonia; em profunda agonia. Antero de Quental, o poeta luso e Miguel de Unamuno, o poeta espanhol, são almas ibéricas irmãs na dor, na busca e no sofrimento agônico desesperado e que repousam na mão de Deus, na sua mão direita. São, seguramente, portais eloquentes que conduzem-nos a uma melhor decifração da enigmática Esfinge Ibérica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELUCI CAPORALINI, José. **Antero de Quental: o homem no pensamento anterior: esboço filosófico**. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1985, (mimeo).
- _____ . **Unamuno e Portugal: o outro lado da esfinge ibérica**. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1985. (mimeo).
- GARCÍA MOREJÓN, Julio. **Unamuno y Portugal**. 2 ed., Madrid, Ed. Gredos, 1971.
- MARÍAS, Julian. **Miguel de Unamuno**. Madrid, Espasa-Calpe, 1976.
- MOOG RODRIGUES, Ana Maria. **Antero de Quental: símbolo dos valores da cultura portuguesa**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1983.
- QUENTAL, Antero de. **Poesia e prosa**. 4 ed., Rio de Janeiro, Agir, 1972.
- UNAMUNO, Miguel de. **Por tierras de Portugal y de España**. 8 ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1976.
- _____ . **Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos**. Madrid, Espasa-Calpe, 1976.
- _____ . **La agonía del cristianismo**. 6 ed., Buenos Aires, Losada, 1975.
- _____ . **Niebla**. 3 ed., Madrid, Cátedra, 1983.